

## A ESCOLANOVISTA: UMA SUPERAÇÃO DO MODELO TRADICIONAL?

*Sandy Naédia Lucas de Oliveira*

Centro Universitário da Grande Fortaleza - UNIGRANDE

*Maria Luana Teixeira Chaves*

Universidade Federal do Ceará - UFC

*Francisca Valmira Almeida Pinto*

Universidade Federal do Ceará - UFC

*Jessika Candido Araujo*

Universidade Federal do Ceará - UFC

**Resumo:** O presente trabalho objetiva analisar a ascensão do escolanovismo, traçando seu percurso histórico e evidenciando suas influências no processo educacional brasileiro. Ao discutir-se como se operou o processo de disseminação desse ideário no país busca-se, também, investiga-se se houve uma superação do modelo tradicional de educação. Para alcançar os objetivos pretendidos, utiliza-se como metodologia as técnicas bibliográfica e documental, e como teoria do conhecimento o materialista histórico-dialético. Como resultado de pesquisa, constatou-se que o método de ensino da Escola Nova promoveu uma reformulação no ensino tradicional, mas não alterou o papel da escola perante um sistema que tende a reprodução. No entanto, é possível alterar essa lógica mediante a implementação da transmissão do conhecimento sistematizado historicamente construído.

**Palavras chave:** Escola Nova. Educação Tradicional. Manifesto do Pioneiros.

## INTRODUÇÃO

Com o avanço e consolidação da nova ordem social no mundo Ocidental – a ordem burguesa, em meio ao processo da Segunda Revolução Industrial, manifesta-se uma nova tendência educacional na Europa do século XIX – a Pedagogia Nova, comumente chamada de escolanovismo. O ideário escolanovista emergiu a partir da necessidade de formar um novo tipo de trabalhador, em vista da necessidade de mão de obra adequada as exigências da indústria fabril e do mercado industrial, cada vez mais mecanizado. Essa onda “reformista” teve como arautos Adolfo Ferrière, John Dewey e, dentre outros, Maria Montessori.

O escolanovismo surge estabelecendo críticas ao método tradicional de ensino que não realizava, segundo seus críticos, a suposta função de equalizar os problemas de formação discente no âmbito da sociedade moderno-industrial. Nesse sentido, a concepção de educação como redentora não perdia seu protagonismo na nova tendência educacional. A educação

continuava tendo a função de adaptar os sujeitos à sociedade. Mas, diversamente da Pedagogia Tradicional que compreendia os inadaptados ao sistema como desajustados, “ignorantes”, o escolanovismo concebe os indivíduos com problemas de ajustes ao modelo hegemônico como “anormais”.

Ao analisar o ideário da Escola Nova, supostamente promotor de uma educação universal, gratuita e democrática, com o objetivo de enquadrar ao processo de ensino aqueles que ficavam a margem do modelo de educação tradicional, evidencia-se que o escolanovismo não rompe com os ideais liberais. Continua-se a desconsiderar a influência dos problemas sociais na educação, e reitera-se a noção de uma educação elitista e excludente. O processo educacional passa a afirmar que os “inadaptados” são diferentes, mas essa diferença desloca-se da “incompetência” para a “normalidade”. E o que é normal não precisa ser modificado, apenas mantido e “compreendido”.

O método de ensino da Escola Nova baseia-se na centralidade do aluno no processo educativo, enquanto que o professor é compreendido como mediador do aprendizado, ou seja, responsável por mediar à construção do “conhecimento”. E, este “conhecimento” deve ser gestado e desenvolvido a partir da curiosidade do aluno. Nesta perspectiva, o aluno se desenvolve por intermédio de experiências vivenciadas, por meio da autogestão, do aprendizado empírico –na busca “ativa e significativa” pelo conhecimento. É o aprender fazendo. Assim, o aluno é estimulado a resolver seus próprios questionamentos, criados a partir de sua curiosidade, em detrimento do conhecimento historicamente produzido pela humanidade.

Com o objetivo de analisar a ascensão do escolanovismo, o presente artigo traça um percurso histórico do movimento escolanovista no país, evidenciando suas influências no processo educacional, bem como a inserção e a disseminação de seus princípios teóricos.

O artigo estrutura-se em duas seções. Na primeira são apresentados os fatores históricos que influenciaram e possibilitaram a inserção do modelo escolanovista no Brasil, discutindo o Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova (1932) e as implicações desse documento na educação e na sociedade brasileira. Na segunda busca-se compreender o processo de “superação” da Pedagogia Tradicional pela Escola Nova e os limites desta superação. A guisa de conclusão busca-se confirmar a hipótese de que o novo modelo educacional não só amplia a desigualdade social no país, como não tem o objetivo de superar

o modelo tradicional de ensino. Para isso, utiliza-se como metodologia a pesquisa de caráter bibliográfico-documental e como teoria do conhecimento o materialista histórico-dialético.

## **1. CONTEXTO HISTÓRICO E INSERÇÃO DA PEDAGOGIA NOVA NO BRASIL**

O movimento escolanovista, no Brasil, emergiu em meados de 1930 em meio a transformações sociopolíticas e econômicas. Dentre estas mudanças destacam-se os processos de industrialização e urbanização do país, que resultaram no êxodo rural (levas de migrantes abandonaram a zona rural em direção aos grandes centros urbanos na busca de assegurar sua sobrevivência) e no avanço modernizador do país – foi a onda industrializante. Nesse ínterim, surge a necessidade de formar novos trabalhadores para suprir a procura de mão de obra “qualificada” para atender a demanda exigida pelo novo sistema de industrialização que estava se consolidando.

Ao analisar a história educacional brasileira pode-se conjecturar que ainda hoje existe uma educação dualista, ou seja: um tipo de educação destinada às classes abastadas – que promove o desenvolvimento intelectual e sociocultural do indivíduo; e uma educação para as massas – que visa preparar a mão de obra para o mercado. Dessa maneira, é possível perceber que a ideia de equalizar a sociedade mediante a educação é um equívoco e, o qual, o movimento da Escola Nova reproduz.

A partir da década de 1930, no governo de Getúlio Vargas, ocorrem significativas transformações no cenário político brasileiro, possibilitando e facilitando a inserção do ideário escolanovista no país. Dentre estas mudanças destacam-se: a centralização política, a industrialização por meio do comércio internacional, a decomposição do Congresso Nacional, das Assembleias Estaduais e das Câmaras Municipais e a criação dos ministérios da Indústria e Comércio, do Trabalho, da Educação e Saúde Pública.

No contexto de consolidação do modelo industrial e urbano brasileiro, as relações sociais movidas pelas diretrizes do mercado e tendo os sujeitos submetidos a esta lógica, avança a necessidade de um novo parâmetro educacional que se adequasse ao momento histórico. Em vista disso, a Escola Nova é inserida no âmbito nacional, assim:

O conhecimento das relações entre indivíduo e vida social é, pois de maior importância para compreensão do processo educacional, em geral, e das bases técnicas do ensino do nosso tempo. Por uma de suas dimensões, a educação é sem

dúvida desenvolvimento, em que condicionantes biológicas claramente se revelam; por outra, é a adaptação, ajustamento imediato que essas condicionantes pressupõem; mas, numa terceira, das anteriores compreensiva, torna-se um assemelhamento dos novos indivíduos aos que formem grupos humanos já existentes. A vida individual é necessariamente limitada no tempo, ao passo que os grupos tendem a permanecer e a durar, na sucessão das gerações. E é essa a razão pela qual, em toda a extensão, o processo educacional tem de ser visto como de natureza social. (LOURENÇO FILHO, 1978, p. 119)

Considerando às mudanças sociais e políticas do país, tornou-se necessário desenvolver as habilidades e competências técnicas exigidas pelo mercado. Os indivíduos passaram a ser educados cada vez mais afastados do conhecimento historicamente produzido, essencial para compreender a realidade social. Responsáveis pelo seu próprio processo educacional, a crise social tendeu a se agravar. Crise social tomada como anomia social, o que conduz o movimento escolanovista a propor reformas educacionais, cujas balizas teóricas encontram-se no “Manifesto dos Pioneiros da Escola Nova”.

### **1.1 Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova**

Uma análise do processo de formação do sistema pedagógico brasileiro e suas reverberações conduzem a questionamentos sobre os mecanismos que interferiram em sua elaboração. Neste percurso, é possível verificar-se que as primeiras influências internacionais, em meados de 1882, quando Rui Barbosa defendia e disseminava a ideia de implementação do modelo de ensino escolanovista, foram centrais. Entretanto, tal modelo só veio a ser consolidado em 1932, por meio do Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova.

Nesse manifesto defendia-se a garantia de acesso à educação a todos os cidadãos independentes de suas condições econômicas, visando assim uma educação prioritariamente pública. O documento, por sua vez, também defendia a laicidade do Estado, a obrigatoriedade da educação e sua autonomia. Todavia, embora não seja objeto deste artigo, pode-se indagar quem era efetivamente considerado cidadão na época, portanto, quem poderia usufruir dessa educação pública?

O manifesto dos Pioneiros foi um marco histórico para a educação brasileira, consolidou a visão da elite intelectualizada que buscava interferir no modelo socioeducacional vigente. Esse documento foi instituído durante IV Conferência Nacional de Educação, que

[...] serviu como um divisor de águas entre católicos e liberais. Na tentativa de influenciar as diretrizes governamentais, os liberais vieram a público, em 1932, com o célebre ‘Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova’, um longo documento dedicado ao governo e à nação que pautou-se em linhas gerais, pela defesa da escola pública obrigatória, laica e gratuita e pelos princípios pedagógicos renovados[...] (GHIRALDELLI JR, 1994, p. 42).

Escrito e assinado por 26 educadores, o Manifesto, teve a finalidade de validar “o projeto educacional que defende, apresentando-o como o mais adequado para a reconstrução do país segundo o ideal republicano”. (XAVIER, 2002, p. 3). O manifesto configurou-se como a primeira política educacional da Era Vargas, apresentando uma noção pedagógica da organização do trabalho, em consequência do sistema social vigente. Suas propostas no campo educacional baseavam-se na emergente sociedade industrial, por esse motivo a Escola Nova buscava formar um novo perfil de homem,

[...] para o trabalho industrial e para o sufrágio universal, pretendeu-se substituir o ensino baseado na concepção de atividade meramente intelectual, pautado na memorização e repetição de conteúdos em detrimento da compreensão e discussão dos mesmos, por novos procedimentos e modos de ensinar, que viabilizassem a formação do homem consciente, criativo e rápido, atributos necessários à nova realidade que se impunha. (FIGUEIRA, 2010, p. 16)

A Escola Nova “pretendeu promover a pedagogia da existência, superação da pedagogia da essência. Tratava-se de não mais submeter o homem a valores e dogmas tradicionais e eternos.” (SANTOS, 2006 p. 132-133). Assim, como aponta Carvalho (1998), promover uma total renovação de hábitos, comportamentos e modos de pensar do homem brasileiro. Da mesma forma, para possibilitar a construção desse indivíduo, o documento traz em seu preâmbulo os principais aspectos que formulam o ideário escolanovista, influenciando diretamente na formação educacional do indivíduo, tais como:

[...] a) a técnica/prática/pragmatismo; b) o biologismo, significando a capacidade de cada um; c) educação focada no indivíduo e não a uma classe; d) formação democrática, porém construída a partir de uma hierarquia de capacidades. (LIMA, 2012, p. 980)

Esses aspectos influenciaram o fortalecimento do ensino privado, pois, com o avançar das práticas pedagógicas da Escola Nova, suas características e ideias foram se firmando no sistema educacional brasileiro, estando presentes até os dias atuais. Reitera-se que, mesmo

após décadas de sua instituição no Brasil, a elite política e econômica continua sendo a classe mais beneficiada quando se trata de desfrutar dos modelos educacionais mais avançados.

## 1.2 Uma nova perspectiva educacional?

O movimento escolanovista pretendendo reformular as práticas pedagógicas do modelo da Pedagogia Tradicional, tece contra esta severas críticas: o professor, segundo o escolanovismo, centra o ensino em si e assume o posto de autoridade máxima, fazendo do aluno uma “caixa” em que se põe todos os conteúdos ensinados. De forma distinta, o método da Educação Nova, alegam os escolanovistas, retira o professor do centro do processo de ensino-aprendizagem, passando a ocupar um lugar secundário, sendo caracterizado como um mediador e organizador do conhecimento. Tornando o aluno protagonista desse processo.

A pedagogia tradicional estabelecia, segundo os escolanovistas, como centro do conhecimento o professor, que, normalmente, utilizava apenas o livro e o quadro como recurso didático. Nesse modelo, os conhecimentos deveriam ser transmitidos aos alunos, ocasionando, uma apropriação do conhecimento apático. Assim, ao ingressar na escola, a criança era submetida aos métodos de ensino da mesma. Sob essa crítica, a pedagogia tradicional passou a ser vista não só como ineficaz, mas danosa ao desenvolvimento e aprendizado dos alunos.

Com efeito, no modelo de ensino tradicional, os educadores precisavam transmitir e tornar acessível o conhecimento sistematizado historicamente previsto em um currículo aos seus alunos. Aqui os professores limitavam-se a transmissão dos conteúdos e os estudantes a memorização destes. Com efeito, criticava-se o distanciamento presente na relação professor-aluno, pois, os professores não conheciam as especificidades de cada indivíduo em sua sala de aula. É nesse sentido, que a pedagogia tradicional passa a ser propagada como ineficaz para o desenvolvimento e a aprendizagem significativa dos alunos. Segundo, Marc Bloch:

Pedir assim ao educador que tenha por centro de gravidade a própria criança, é nada menos que pedir-lhe realize uma verdadeira revolução, se é verdade que até aqui, como vimos, o centro de gravidade sempre esteve situado fora dela. É esta revolução – exigência fundamental do movimento da educação nova – que Claparède compara à de Copérnico na astronomia, e que com tanta felicidade define nessas linhas: Os métodos e os programas a gravitar em torno da criança e, não, a criança a girar mal e

mal em torno de um programa fixado fora dela, tal a revolução “copernicana” para a qual a psicologia convida o educador. (BLOCH, 1951, p.37)

Sob esse raciocínio, seus formuladores acreditavam ser a educação, o problema e a causa da desigualdade e da segregação social presente no país. Assim, eles defendiam que todos tinham direito à educação, estando essa de acordo com suas aptidões e especificidades, sem distinções, pois, igualavam os indivíduos sem considerar suas diferenças étnicas ou sociais, observando apenas suas capacidades cognitivas distintas, e as “aceitando” como naturais. Por conseguinte, esse fenômeno de “aceitação das diferenças que trouxe a Escola Nova, acabava por justificar o fracasso escolar ou o insucesso no mercado de trabalho.

## 2. ESCOLA NOVA: SUPERAÇÃO DA EDUCAÇÃO TRADICIONAL?

Na conjuntura de reordenamento das bases econômicas e sociais brasileiras, tratadas na seção anterior, evidencia-se que no decorrer e após a década de 1930 consubstanciou-se a necessidade de uma nova “formação” discente e de um método diferente de ensino. Em vista disso, os idealizadores da Escola Nova partiram de uma crítica à maneira de ensino tradicional, buscando alterar a organização escolar vigente.

Contudo, essa nova tendência pedagógica, classificada como uma teoria não-crítica por Saviani (2008), não gerou mudanças objetivadas na organização escolar, não se superou o método de ensino tradicional, mas este foi reformulado. Afinal, tanto a pedagogia tradicional quanto a pedagogia nova “encaram a educação como autônoma e buscam compreendê-la a partir dela mesma.” (SAVIANI, 2008, p. 5), apenas deslocando o

[...] eixo da questão pedagógica do intelecto para o sentimento; -do aspecto lógico para o psicológico; dos conteúdos cognitivos para os métodos ou processos pedagógicos; do professor para o aluno; do esforço para o interesse; da disciplina para a espontaneidade; do diretivismo para o não-diretividade; da quantidade para a qualidade; de uma pedagogia de inspiração filosófica centrada na ciência da lógica para uma pedagogia de inspiração experimental baseada principalmente nas contribuições da biologia e da psicologia. Em suma, trata-se de uma teoria pedagógica que considera que o importante não é aprender, mas aprender a aprender. (SAVIANI, 2008, p. 8)

Ao focar na individualidade de seus discentes, a pedagogia nova reconhece que o ensino deve ser modificado, invertendo o foco do processo de ensino/aprendizagem. Dewey (2007) apresenta uma “solução” para esse “problema” (ocorrido na escola tradicional), na

qual ao invés de ensinar os estudantes as grandes áreas do conhecimento, é preciso fazer com que eles aprendam fazendo. Os alunos devem identificar seus interesses e suas deficiências e assim atuar sobre isso, ou seja, tornam-se os responsáveis pelo método utilizado em seu aprendizado. É neste contexto, que emerge um novo perfil docente e é exigida uma formação diferenciada para os professores, pois,

O professor agiria como um estimulador e orientador da aprendizagem cuja iniciativa principal caberia aos próprios alunos. Tal aprendizagem seria uma decorrência espontânea do ambiente estimulante e da relação viva que se estabeleceria entre os alunos e entre estes e o professor. Para tanto, cada professor teria de trabalhar com pequenos grupos de alunos, sem o que a relação interpessoal, essência da atividade interpessoal, essência da atividade educativa, ficaria dificultada; e num ambiente estimulante, portanto, dotado de materiais didáticos ricos, biblioteca de classe etc. (SAVIANI, 2008, p. 8)

O aluno, portanto, é visto como um ser autônomo no processo de aprendizagem, o docente deve apenas auxiliá-lo no desenvolvimento de sua autonomia e na resolução de seus problemas e/ou questionamentos. Assim, o professor passa a ocupar um papel de mediador das experiências individuais de seus alunos.

O método de ensino da Escola Nova centra-se na existência de influências sociointeracionistas, considerando a ideia de aprender por meio de experiências vivenciadas pelo aluno com o ambiente, se adequando ao método criado por Dewey (2007). Assim por intermédio da experiência, do problema encontrado, da pesquisa a ser desenvolvida, da ajuda discreta do professor e por fim, do estudo do meio natural e social, desenvolveu-se a pedagogia do “aprender a aprender.”

Em vista disso, segundo LIMA (2009, p.97 *apud* DUARTE<sup>1</sup>, 2000; 2003) I): é mais significativo aquilo que o indivíduo aprende sozinho, sem a transmissão por outras pessoas; II) a aquisição de um método científico é mais importante do que a apropriação do conhecimento científico existente; III) são os interesses e necessidades do aluno que devem impulsionar e dirigir a aprendizagem; e IV) a educação deve proporcionar ao indivíduo a capacidade de adaptar-se à sociedade em constante processo de transformação.

<sup>1</sup> Newton Duarte considera que a pedagogia do aprender a aprender tem como objetivo a compreensão das questões escolares no que se refere o processo histórico e o professor nesse espaço tendo a função de refletir seu papel e sua prática. (DUARTE, 2001).



Já para Saviani (2008) o método do ensino novo acaba por aprimorar a educação voltada às elites e promover um processo de esvaziamento do ensino direcionado às classes populares. Assim, o método de ensino,

[...] começa por uma atividade; na medida em que a atividade não pode prosseguir por algum obstáculo, alguma dificuldade, algum problema que surgiu, é preciso resolver esse problema. Como se vai resolver esse problema? Então, todos, alunos e professores, saem à cata de dados, dados dos mais diferentes tipos, dados documentais, bibliográficos, dados de campo etc. Esses dados, uma vez levantados, permitirão acionar uma ou mais hipóteses explicativas do problema. Formulada a hipótese, é preciso passar à experimentação, é preciso testar essa hipótese. (SAVIANI, 2008, p. 37)

Houve um pragmatismo democrático dos educadores que introduziram o movimento da Escola Nova no país, esses sujeitos apropriaram-se das ideias de Dewey para construir um conceito de democracia e de educação, que embasasse os seus interesses pedagógicos e, principalmente, políticos. Com isso, é possível verificar novamente que os responsáveis pelo escolanovismo, de fato, pensavam sobre as mazelas educacionais brasileiras. No entanto,

[...] nós sabemos, com certa tranquilidade, já, a quem serviu essa democracia e quem se beneficiou dela, quem vivenciou esses procedimentos democráticos no interior das escolas novas. Não foi o povo, não foram os operários, não foi o proletariado. Essas experiências ficaram restritas a pequenos grupos, e nesse sentido elas se constituíram, via de regra, em privilégios para os já privilegiados, legitimando as diferenças. (SAVIANI, 2008, p. 39)

Portanto, subtendido a essa nova educação, estava a necessidade de construir um modelo educacional que se adequasse ao contexto histórico de industrialização e não colocasse em risco a hegemonia da classe dominante. Assim, “[...] apesar dos avanços assinalados, resultou em uma ilusão liberal com um quadro pouco animador em matéria de acesso da população à educação escolar.” (CURY, 2009, p. 99), considerando que apenas uma parcela privilegiada da população, pode desfrutar de todas as possibilidades melhores de ensino, como sempre ocorreu na história de nosso país.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Escola Nova preocupava-se em desenvolver a autonomia do indivíduo. No entanto, para que isso fosse possível, dever-se-ia modificar o método tradicional de ensino. É nessa perspectiva que a Escola Nova se alvora como um modelo de educação capaz de solucionar os

males sociais. Segundo seus princípios teóricos, ela busca capacitar o aluno para atuar em um novo modelo de produção capitalista, que necessita de um trabalhador criativo, ativo, flexível.

Todavia, esse movimento acabou por promover apenas uma reformulação no método de ensino, esvaziando o processo educacional e reproduzindo desigualdades sociais presentes na sociedade contemporânea. Para se construir um sujeito autônomo é necessário que ele aprenda de forma autônoma sem a necessidade de recursos, entende-se então que a Escola Nova compreende que o desenvolvimento total de seus indivíduos depende de suas capacidades cognitivas, pois, segundo eles, cada indivíduo aprende de acordo com seus interesses e necessidades. Com isto, reforça-se a ideia de que a profissão que o sujeito irá exercer está diretamente relacionada a suas competências e capacidades cognitivas. Esta perspectiva põe a escola à margem da sociedade, como se esta não estivesse envolta por todos os males sociais.

Portanto, por mais que o movimento escolanovista tenha promovido mudanças na metodologia de ensino e no perfil do professor, essas mudanças apenas reformularam o sistema de ensino, a partir de uma crítica ao método tradicional. O papel da escola e o sistema reprodutor de desigualdade entre as classes sociais permaneceram inalterados, pois, existe uma contradição dentro do próprio sistema escolanovista: não há como acreditar em uma equalização social entre as classes, se o único aparelho do Estado com poder para fazer isso acontecer, ou seja, a escola pública é desvalorizada em detrimento de escolas privadas adeptas desse modelo educacional.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BLOCH, M. A. *Filosofia da educação nova*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1951.  
Bonome, João Batista Vieira. *Teoria Geral da Administração*. Curitiba: IESDE Brasil S.A., 2009.

CARVALHO, Marta Maria Chagas de. *Molde nacional e fôrma cívica: higiene, moral e trabalho no projeto da Associação Brasileira de Educação (1924/1931)*. Bragança Paulista: EDUSF, 1998.

CURY, C. R. J. *Projetos republicanos e a questão da educação nacional*. In: VAGO, T. M.; INÁCIO, M. S.; HAMDAN, J. C.; SANTOS, H. P. (Org.). *Intelectuais e escola pública no Brasil: séculos XIX e XX*. Belo Horizonte: Mazza, 2009.

DEWEY, John. *Democracia e educação: capítulos essenciais*. São Paulo, Ática, 2007.

DUARTE, N. *Vygotsky e o “aprender a aprender”*: crítica às apropriações neoliberais e pós-modernas da teoria vigotskiana. São Paulo, Autores Associados, 2000.

. \_\_\_\_\_. *Sociedade do conhecimento ou sociedade das ilusões?* Quatro ensaios crítico-dialéticos em filosofia da educação. Campinas, São Paulo, Autores Associados, 2003. 1987.

FIGUEIRA, Patrícia Fernandes Ferreira. *Lourenço Filho e a Escola Nova no Brasil*: estudo sobre os Guias do Mestre da série graduada de leitura Pedrinho. 2010. 100 f. Dissertação (Mestrado em Educação Escolar da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara). Araraquara, São Paulo, 2010.

GUIRALDELLI JR., P. *História da Educação*. São Paulo: Cortez, 1994.

LIMA, Antonio Bosco de. *Manifesto dos pioneiros da educação (1932)*: leituras de seus 80 anos. In: IX seminário nacional de estudos e pesquisas “história, sociedade e educação no brasil.” Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa. Anais: CNPQ, 2012. Artigos, p. 963-990. ISBN 978-85-7745-551-5.

LOURENÇO FILHO, Manuel Bergstrom. *Introdução ao estudo da Escola Nova*: bases, sistemas e diretrizes da pedagogia contemporânea. 12. ed. São Paulo: Melhoramentos, [Rio de Janeiro]: Fundação Nacional de Material Escolar, 1978.

SANTOS, Irene da Silva Fonseca dos. *Brasil, 1930 - 1961*: escola nova, ldb e disputa entre escola pública e escola privada. Revista HISTEDBR On-line, Campinas, n.22, p.131 –149, jun. 2006 - ISSN: 1676-2584

SAVIANI, Demerval. *Escola e Democracia*. Edição Comemorativa. Campinas: Autores Associados, 2008. (Coleção Educação Contemporânea).

XAVIER, Libânia Nacif. *Para além do campo educacional*: um estudo sobre o Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova (1932). Bragança Paulista: EDUSF, 2002.

#### SOBRE O(A/S) AUTOR(A/S)

##### **Sandy Naédia Lucas De Oliveira**

Graduanda em Administração de Empresas (UNIGRANDE), membro do Laboratório de Estudos Accountability Educacional (LEACE), membro Grupo Rede Mapa Ceará (UFC). E-mail: sandynaedia@gmail.com.

##### **Maria Luana Teixeira Chaves**

Graduanda em Pedagogia (FACED/UFC), membro do Grupo Estudos, Pesquisa em Políticas Educacionais, Formação de Professores e Gestão Educacional (GEPPGE), membro do Grupo de Estudos, Grupo de Estudos e Pesquisas Sobre a Pedagogia Histórico-Crítica. E-mail: tchavesluana@gmail.com.

**Francisca Valmira Almeida Pinto**

Graduanda em Pedagogia (FACED/UFC), membro do Grupo de Estudos em Educação do Campo (EDUCAMPO). E-mail: valmira.fap@gmail.com

**Jessika Candido Araujo**

Graduanda em Pedagogia (FACED/UFC), membro do Grupo Estudos, Pesquisa em Políticas Educacionais, Formação de Professores e Gestão Educacional (GEPPGE), membro do Laboratório de Estudos Accountability Educacional (LEACE), membro Grupo Rede Mapa Ceará (UFC). E-mail: jessikaaraujo55@hotmail.com